

ARTIGOS

IMAGENS DA CONDIÇÃO FEMININA EM "TRAVELS IN BRASIL" DE HENRY KOSTER

Izabel Andrade Marson*

*Travels in Brazil*¹, livro do inglês Henry Koster, foi publicado em 1816 como relato de um viajante que se refugiava em Pernambuco por motivos de saúde.² A obra está dividida em duas partes: um *Diário* das estadias de Koster no Brasil e reflexões sobre a sociedade das Capitanias do norte. O *Diário* relata as duas passagens do autor pela região. Na primeira - dezembro de 1809 a abril de 1811 - percorreu as principais vilas da zona da Mata de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande; a rota que ligava as fazendas de gado do Sertão Cearense ao porto de Recife e as vilas do litoral do Ceará e o porto São Luís do Maranhão. Na segunda - dezembro de 1811 a princípios de 1815 - estabeleceu-se em Pernambuco primeiramente como senhor e depois como lavrador de engenho. O livro reuniu as anotações de Koster complementadas com uma pesquisa feita na biblioteca do historiador Robert Southey³ e devidamente organizadas em capítulos. A segunda parte da obra é constituída por seis capítulos conclusivos e um *Apêndice*. Neles Koster apresentou reflexões sobre a agricultura, a sociedade, a escravidão e uma

* Professora do Departamento de História IFCH - UNICAMP.

¹ KOSTER, Henry: *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Tradução e notas de Luiz da Câmara Cascudo. 2ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1942. A primeira edição brasileira foi publicada pela Revista do *Instituto Arqueológico Pernambucano* desde o nº 51 (1898) até o 147-150, vol. relativo a 1931 e não foi reunida em livro.

² Luiz da Câmara Cascudo relata em seu prefácio que Koster viera viver em Pernambuco "se defendendo da tuberculose". Comenta também que, possivelmente era filho de negociantes ingleses estabelecidos em Portugal, país onde nasceu, mas que teria deixado ainda jovem para estabelecer-se na Inglaterra. KOSTER, H: *op. cit.*, p. 11.

³ O *Diário* abrange os primeiros quinze capítulos da obra que foi dedicada a Southey, amigo de Koster. A pesquisa permitiu ao autor a confecção de importantes notas de rodapé.

cadernos pagu (4) 1995: pp. 219-242.

avaliação de questões que emergiam com a vigência dos Tratados de Amizade, Aliança e Comercio assinados a 19 de fevereiro de 1810 entre as Coroas da Grã-Bretanha e Portugal. O *Apêndice* inclui a tradução de dois estudos sobre plantas da região escritos pelo Dr. Manoel Arruda Câmara, os quais foram resumidos e traduzidos para o inglês por Koster.⁴

O sucesso do texto na Europa e nos Estados Unidos pode ser percebido pelo número de edições que se seguiram: três em 1817 - a segunda inglesa, a primeira americana (em Filadélfia) e a primeira alemã (em Weimar); uma em 1818 - a primeira edição francesa; uma em 1831 - a segunda alemã; e uma em 1846, a segunda francesa. Tal interesse pelo livro suscita uma indagação: quais razões poderiam estar na origem deste sucesso?

A curiosidade dos Europeus sobre o Brasil pode ter sido o motivo mais imediato, pois, o momento da confecção da obra (1810-1815), assim como sua própria existência testemunha a abertura da colônia portuguesa aos estrangeiros. Além disso, poderia atender a outros interesses. A descrição minuciosa que acentuou as peculiaridades de terra e de seus habitantes, podia agradar aos aficionados dos relatos de viagens, um gênero de literatura que vinha se ampliando desde meados do século XVIII. Por outro lado, as também detalhadas informações sobre as potencialidades econômicas e naturais da região, assim como as dificuldades que se antepunham aos estrangeiros que se estabeleciam, ou simplesmente percorriam o país, acabavam por se constituir num precioso manual para comerciantes que tinham em perspectiva investir no Brasil, agora mais acessível devido ao sedimento da Corte em seu território e as facilidades

⁴ Informa-nos o tradutor que o doutro Manuel Arruda Câmara foi médico, botânico, entologista, filósofo e naturalista, nascido em Pernambuco. Estudou em Coimbra e na França, onde tomou contato com os projetos da ilustração francesa e inglesa. Foi amigo dos pernambucanos que fizeram a revolução de 1817. Koster o conheceu quando de sua passagem por Goiania. Os mencionados estudos de Câmara foram publicadas em 1810 pela Imprensa Régia, no Rio de Janeiro. KOSTER, H.: *op. cit.*, pp. 91-92; 591.

proporcionadas pelos Tratados de Comércio que romperam restrições antes impostas pelo sistema colonial.

Mas, para além do interesse literário e empresarial, a obra de Koster apresentava um outro atrativo de carácter político e científico, pois oferecia uma avaliação das repercussões dos Tratados firmados entre a Inglaterra e Portugal, e uma cuidadosa análise dos efeitos do Antigo Regime (particularmente o sistema colonial, o tráfico de escravos e a escravidão) sobre a sociedade que visitou. Nesse sentido, fornecia sólidos argumentos para uma questão que se projetava na política internacional: a abolição do tráfico de escravos.

1. Uma teoria sobre a sociedade das capitânicas do norte

"... Não tive jamais a intenção, durante minha residência no Brasil, de publicar coisa alguma do que vira e ouvira neste país. Não foi senão depois do meu regresso que me encorajaram a reunir todos os detalhes que pudesse comunicar." ⁵

Todavia, se não houve inicialmente a intenção de divulgar os dados coletados, pode-se afirmar que a presença de Koster no Brasil teve preocupações mais amplas do que um tratamento de saúde. Embora não seja possível precisar a serviço de quem⁶

⁵ *Idem, ibidem*, p. 7. Com estas palavras KOSTER dá início ao prefácio do livro.

⁶ Além do reconhecimento minucioso da região expresso no relato da primeira estadia; das cartas de recomendação que trouxe da Inglaterra e que obteve no Brasil; dos recursos financeiros e físicos (particularmente para um homem doente) que as andanças de Koster absorveram e dos prazos que precisou cumprir, alguns comentários esparsos deixam entrever que o inglês viajava a serviço de alguém ou de alguma instituição. Por exemplo:

"oito dias depois do meu regresso do Ceará chegou um navio da Inglaterra trazendo cartas que me obrigaram a deixar Pernambuco e ir ao Maranhão." (p. 228)

Koster veio com a incumbência de observar atentamente a colônia portuguesa para mapear os traços da natureza, das potencialidades econômicas (agrícolas, comerciais, e do mercado de trabalho livre) e, sobretudo da sociedade da região, provavelmente com o intuito de aprender suas peculiaridades e sua receptividade aos estrangeiros. Somente uma motivação dessa ordem poderia dar inteligibilidade à seqüência de atividades cumpridas pelo autor no Brasil. Chegou a Pernambuco em dezembro de 1809, aparentemente apenas em busca de um clima mais ameno que o inglês, munido de inúmeras cartas de apresentação endereçadas a ingleses ali estabelecidos, e, rapidamente adentrou setores da sociedade do Recife junto aos quais os comerciantes ingleses já tinham estabelecido sólido contato, particularmente famílias de funcionários públicos, senhores de engenho e comerciantes. Em seguida, pela intermediação de seus compatriotas, aproximou-se de autoridades portuguesas simpáticas ao estreitamento de relações com a Grã-Bretanha - governadores e capitães-mores - que lhe forneceram licença para se locomover na região e, algumas vezes, até o acompanharam nos caminhos que ligavam o Recife a outros núcleos litorâneos. Depois de percorrer as principais vilas da zona da Mata, Koster aventurou-se a explorar sozinho - acompanhado apenas por guias nativos e seu criado inglês - em viagem de ida e volta cheia de dificuldades - o caminho das fazendas de gado do sertão, no interior do Rio Grande, Paraíba e Pernambuco. Além disso, visitou o porto de São Luís no Maranhão antes de seu primeiro retorno à Inglaterra em abril de 1811.⁷

Na segunda estadia - dezembro de 1811 - início de 1815 - Koster desenvolveu uma experiência ainda mais envolvente com

Estas considerações não invalidam as razões de saúde (comprovadas pelas várias crises de febre narradas no texto) e o gosto pela aventura de ser o primeiro olhar inglês a explorar o sertão do Ceará (p. 203). Todavia, é importante anotar que Koster retornou a Pernambuco logo após a publicação do livro, e ali viveu até sua morte em 1820. Mas não deixou uma linha sequer sobre esta 3ª estadia.

⁷ Todas as atividades, sucessos, dificuldades e impressões destes percursos ficaram registrados nos primeiros nove capítulos da obra.

a sociedade pernambucana, no sentido de apreender os problemas que os estrangeiros poderiam enfrentar no Brasil. Alugou e administrou um engenho em Jaguaribe, atividade que lhe proporcionou compreender todos os percalços que este empreendimento comportava; mais tarde, em 1813, tornou-se lavrador de engenho em Itamaracá.⁸

a. O Antigo Regime no Brasil: feudalismo, escravidão e sistema colonial:

"Imaginava a vida estranha que levava e a semelhança com a época feudal na Europa aparecia-me, e não a deixava de comparar com o estado atual no interior brasileiro. O grande poder do agricultor não somente nos seus escravos mas sua autoridade sobre as pessoas livres das classes pobres, o respeito que esses barões exigiram dos moradores de suas terras, a assistência que recebem dos rendeiros em caso de insulto por parte de um vizinho igual, a dependência dos camponeses... Reunira um número vultoso de trabalhadores livres e a propriedade era respeitada milhas derredor..."

"... O capitão-mor deixava raramente seu engenho para ir ao Recife ou Paraíba vivendo, como outros de sua classe no Brasil, num estado de vida feudal. Derredor dele havia vários outros rapazes que o serviam mas, nem sua mulher nem qualquer das filhas apareceu... O dono da casa vestia camisa, ceroulas e um longo roupão, Chamado "chambre".

⁸ As informações sobre a 2ª estadia abrangem cinco capítulos (10º a 15º). O lavrador arrenda terras de um ou mais engenhos, cultiva a cana com seus próprios escravos e leva-a para moer na fábrica do proprietário da terra, dividindo com ele os rendimentos. Pode ser também um proprietário da terra que planta, e era tão considerado na sociedade quanto os próprios senhores de engenho.

*É a indumentária típica de pessoas que nada têm o que fazer. Quando um brasileiro começa a usar um desses "chambres", têm-no logo na conta de importante e lhe dedicam... muito respeito. "*⁹

As considerações de Koster sobre a sociedade aparecem ao longo de todo seu texto, porém de formas diferenciadas. No *Diário* emergem esparsas acompanhando os episódios vividos. É na segunda parte que o autor constrói capítulos sínteses, nos quais organiza as proposições gerais que, na verdade, ordenaram toda a narrativa. Nestes capítulos - do XVIII ao XX - trata da "População Livre", da "Escravidão" e da "Impolítica do tráfico de escravos". Descrevendo a sociedade segundo critérios políticos e raciais, submeteu-a a classificações: primeiramente, livres e escravos; depois brancos (europeus e brasileiros), mulatos, negros, creolos, mamelucos, mestiços, ciganos e estrangeiros. Os escravos, por sua vez, são separados em africanos e creolos.¹⁰

Sua preocupação inicial é demonstrar a ampla miscegenação entre brancos, negros e índios como especificidade da sociedade do Brasil quando comparada a outras colônias onde se construíram "castas", particularmente as espanholas, inglesas e francesas da América.¹¹ A existência da miscegenação, todavia, não era sinônimo de relações democráticas. Pelo contrário, sua origem estava, por um lado, na escassez de colonizadores brancos e, por outro, na escravidão:

"sistema de poder de um homem sobre o outro (que) sanciona a barbaridade e o abuso... o sistema é

⁹ KOSTER, H.: *op. cit.*, pp. 295-296; 98.

¹⁰ *Idem, ibidem*, capítulos XVIII e XIX, *passim*.

¹¹ *Idem, ibidem*, pp. 473-475.

*radicalmente mau, e todos os meios deviam ser postos em ação para extirpá-lo..."*¹²

Embora passe boa parte de sua exposição comentando que a escravidão no Brasil era mais "suportável" do que a de outras áreas coloniais devido à existência de um calendário que comportava inúmeros dias santos, e relações que proporcionavam maiores possibilidades de alforria, Koster acentua o caráter irracional deste sistema, assim como suas indesejáveis decorrências. Conclui que a escravidão era uma "moléstia" que atingia todas as atividades e setores da sociedade, com sequelas de toda espécie: econômicas, políticas e, sobretudo, morais.¹³

Na prática da escravidão se originavam os traços definidores de uma sociedade "semi-civilizada e feudal". Suas características essenciais eram o despotismo dos proprietários de terras e escravos; a reclusão, a violência, a ignorância e a ociosidade. O despotismo poderia ser reconhecido em vários comportamentos: no domínio sobre vastas áreas de terra, homens livres pobres e escravos; no poder militar; na afronta ou desconhecimento da lei; na autonomia pessoal dos proprietários e no exercício pleno das vontades e vícios. A vivência de todo esta poder era possível em parte pela existência de verdadeiros exércitos particulares a serviço dos senhores de terras, e pelo isolamento das fazendas e engenhos, os quais proporcionavam plena liberdade de ação para seus proprietários. Despotismo e reclusão engendraram e perpetuavam a violência e a ignorância, entendidos como desagregamento, autoritarismo, desconhecimento dos hábitos e costumes civilizados (boas maneiras, vestimentas, falta de cultura e até desconhecimento dos novos saberes agrícolas) e, por fim, a corrupção moral

¹² *Idem, ibidem*, pp. 494; 519.

¹³ *Idem, ibidem*, p. 546.

devido à indisciplina das paixões e à ociosidade. Assim, a escravidão inibia práticas sociais sadias: o trabalho livre (plenamente acessível devido ao grande contingente de homens livres disponíveis na região); um sistema agrícola mais racional capaz de agilizar os recursos materiais pouco ou nada aproveitados; o esclarecimento dos proprietários pela assimilação da cultura européia e, particularmente, a reeducação das mulheres proprietárias, o segmento social exemplar na identificação da "semi-civilização e do feudalismo", porque nele podiam ser reconhecidos, de forma transparente, os traços caracterizadores deste tipo de sociedade que a escravidão originava: despotismo, reclusão, ignorância, irracionalidade e ociosidade.

b. A condição feminina: reclusão e ignorância

"... Sempre ouvi dizer, e não posso deixar de aceitar, e reparo como exato na região do país de que estou tratando, que as mulheres são comumente menos humanas... mas este fato procede, indubitavelmente, do estado de ignorância no qual elas vivem. Recebem escassamente, educação e não têm a vantagem de poder obter instrução pela comunicabilidade das pessoas estranhas ao seu ambiente nem adquirem novas idéias na conversação geral. Nasceram, criaram-se e continuam cercadas de escravos, sem receber a menor contradição, tendo noções exageradas de autoridade sem que percebam o que há de erro em suas ações. Levai essas mulheres para diante, educando-as; ensinai-lhes o que é racional, e serão iguais e em nada inferiores aos seus patrícios. Mal a criança sai do berço e lhe dão um escravo de sua idade e sexo para companheiro, ou melhor, para

*brinquedo. Crescem juntos, e o escravo é o objeto onde o jovem amo desabafa suas vontades... Sobre os rapazes o efeito é pouco visível na idade viril, porque o mundo os contém e reprime, mas as moças que não deixam o lar, e às vezes não há oportunidade de abandonar esses hábitos perniciosos."*¹⁴

Escravidão, reclusão e ignorância. Com estes conceitos fortes o autor pretendeu definir a condição feminina na região que conheceu. Através deles procurou sintetizar impressões de um grande número de circunstâncias presenciadas ao longo de sua permanência, nas quais pode observar a presença feminina nas cerimônias religiosas (na Semana Santa, na Páscoa, no Natal, nas festas de santos padroeiros, nos batizados e casamentos); nas ruas do Recife e outras vilas do litoral e do interior; no ambiente doméstico (nas visitas e festas) e na vida cotidiana.

A reclusão se confundiu, primeiramente, com a idéia de que as mulheres permaneciam quase que exclusivamente confinadas ao espaço doméstico, praticamente sem vida pública. Esta consideração aparece logo no início do *Diário*, quando Koster descreveu a cidade do Recife:

*"Não se vêem mulheres além das escravas negras, o que dá um aspecto sombrio às ruas. As mulheres portuguesas e as brasileiras, e mesmo as mulheres de classe média não chegam à porta da casa durante todo o dia. Ouvem missa pela madrugada e não saem senão em palanquins, ou à tarde, a pé, quando ocasionalmente a família faz um passeio."*¹⁵

¹⁴ *Idem, ibidem*, p. 478.

¹⁵ *Idem, ibidem*, p. 36.

Apresenta-se ainda em ocasiões de visitas a engenhos, particularmente durante as viagens pelo interior, cujos proprietários eram imigrantes de origem portuguesa, conforme exemplificam a passagem pelo engenho Mussumbú em Goiania, e os comentários sobre comerciantes portugueses. Nestes casos, as mulheres surgem como prisioneiras do espaço doméstico e de seus maridos; elas não podiam mostrar-se aos estranhos, sobretudo se fossem estrangeiros, mesmo que ali estivessem na condição de hóspedes da casa. São circunstâncias em que os "costumes mouriscos" demonstram-se conservados:

"Jantamos uma ocasião com o proprietário do engenho Mussumbú. Este senhor, várias outras pessoas e eu estávamos à mesa da sala, enquanto as senhoras, às quais não era permitido sequer trocar um olhar, serviam-se num aposento adjacente. Dois rapazes, filhos do proprietário, ajudados pelos escravos de seu Pai, serviram a mesa e somente quando a deixamos é que eles vieram jantar. O dono deste domínio é português. É entre esta parte da população que deixou seu país para fazer fortuna no Brasil, que a introdução de melhoramentos é quase impossível. Muitos brasileiros também, mesmo de classe superior seguem os costumes mouriscos de sujeição e reclusão, mas, tendo alguma comunicação com a cidade, vêm depressa que é preciso preferir maneiras mais civilizadas e rapidamente possuem hábitos de polidez...

Os comerciantes, geralmente falando porque existe exceção, vivem retirados. Vieram de Portugal, fazendo fortuna nos negócios e casam-se no país. A maioria continua a viver como se não possuísse bastante riqueza ou pelo menos não se persuade de

*abandonar seus hábitos de retraimento. Exceto nos meses de verão, quando os vemos sentados nos batentes de suas residências de campo, não se vê sua família."*¹⁶

Esta forma de reclusão foi notada também entre as mulheres dos pequenos proprietários do interior, vaqueiros e reideiros e moradores dos engenhos. Koster deparou-se com os sertanejos quando retornava do Ceará pelos caminhos do sertão, momento em partilhou, inúmeras vezes, de sua hospitalidade. Quanto às mulheres de reideiros e moradores, formou sua opinião observando-as nas viagens pelas vilas da zona da mata nos engenhos próximos do litoral:

"As mulheres dão uma impressão mais desalinhada... vestem apenas saia e camisa, sem meias e quase sempre sem chinelos. Quando saem de casa, o que raramente sucede, adicionam um grande manto branco, de tecido grosseiro, da terra ou vindo das manufaturas da Europa... O trabalho feminino consiste inteiramente nos serviços domésticos... Nenhuma mulher, de condição livre, aceitará o encargo ao ar livre, exceto ir buscar acidentalmente água ou lenha, quando o homem não está em casa.

A mulher raramente aparece e se é vista não toma parte na conversação, a menos que, sendo boa esposa, esteja vigiando o assado. A moral dos homens é muito severa e é natural que influa desfavoravelmente no espírito feminino, mas os sertanejos são muito ciumentos e há décuplo das

¹⁶ *Idem, ibidem*, pp. 83;59.

mortes e das desavenças por este motivo e por qualquer outro.

Nessa região (na Mata) os trechos aprazíveis são numerosos. São vistas cabanas no meio do matagal construídas de barro e cobertas com folhas de coqueiros... Às vezes o aspecto dessas rudes moradas é animado pela figura feminina que foge e se esconde logo que o passageiro volta os olhos para a estreita picada que leva à cabana." ¹⁷

Juntamente com a escravidão, o isolamento imposto às mulheres proprietárias é considerado como o principal motivo de sua ignorância. Ela poderia ser reconhecida em diferentes comportamentos: na "desumanidade" no trato dos escravos, na reserva com estranhos, no despreparo para comportar-se em público, na inadequação das vestimentas (ou exagero nas sedas, cetins e jóias, ou extrema rusticidade) e, sobretudo, na incapacidade de sustentar uma conversação gentil. Participando de uma visita a uma família abastada de S. Luís, comentou sobre o formalismo do comportamento feminino e a pobreza do conteúdo de sua conversação:

"Fui apresentado por meu amigo a uma respeitável família de S. Luís. Fizemos uma visita numa tarde, sem convite, segundo o costume... A dona da casa, uma senhora idosa, estava sentada na rede e a visitante feminina ocupava outra, e suas duas filhas e amigos sentavam-se em cadeiras. A companhia, consistindo em dois ou três homens, juntos uns dos outros, formava um hemiciclo perto das redes. Houve muita cerimônia e a conversação se estabelece entre os homens, com reparos ocasionais

¹⁷ *Idem, ibidem*, pp. 204-205; 262-263.

*feitos por uma ou outra das velhas damas. Sendo-lhes dirigida alguma pergunta, as filhas respondiam. Nada mais. Uma parte do formalismo desaparecerá com a maior e crescente relação. A educação das mulheres não é cuidada, o que delimita as possibilidades de sustentar a conversa sobre muitos temas, mesmo quando levadas às solenidades."*¹⁸

Porém, considerando-se o conjunto da narrativa de Koster, os traços essenciais de sua tese sobre as mulheres só têm ressonância em fragmentos de algumas cenas, em especial aquelas que retratam o cotidiano de proprietárias do interior e, particularmente, mulheres cujos maridos eram imigrantes portugueses (comerciantes ou senhores de engenho) aqui estabelecidos em busca de fortuna, ou pequenos proprietários. Embora tivesse presenciado situações nas quais se defrontou com mulheres dos mais diversos estatutos sociais - senhoras de engenho, de funcionários públicos e comerciantes, de pequenos proprietários, libertas, negras de engenho e escravas - as conclusões do autor sobre a condição feminina cristalizaram facetas de experiências específicas.¹⁹ Praticamente ignoraram mulheres que desenvolviam atividades públicas (que trabalhavam fora do ambiente doméstico para sobreviver), assim como a variedade e complexidade das circunstâncias em que, mesmo as mulheres proprietárias, foram flagradas. Nesse sentido, minimizando a riqueza de detalhes presentes no *Diário*, Koster preocupou-se em destacar certos traços peculiares, necessários à construção de um determinado conceito de feudalismo de sociedade "semi-civilizada e feudal", e à crítica do tráfico de escravos, da escravidão e do sistema colonial.

¹⁸ *Idem, ibidem*, pp. 244-245.

¹⁹ A conclusão de Koster sobre a condição feminina foi colocada justamente no trecho em que comenta a situação das mulheres brancas livres, as eventuais cidadãs do Brasil.

A narrativa de "Travels in Brazil" traz muitos outros elementos capazes de nuançar a tese principal, não apenas porque os episódios vividos eram muito mais complexos mas, também, porque o próprio Koster, preocupado em apresentar um projeto alternativo para superar a "semi-civilização e o feudalismo", destacou as potencialidades de transformação da sociedade analisada. Assim, para atingir seus propósitos, o autor se viu na necessidade de demonstrar o estado de reclusão e ignorância para comprovar os efeitos nocivos da escravidão e do sistema colonial, mas também foi impelido a considerar que tal sociedade, sob o influxo das relações comerciais com as nações européias - sobretudo com a Inglaterra - e a convivência com estrangeiros, poderia reeducar-se:

*"O compatriota a quem devo as atenções amáveis de fazer-me participar da aprazível sociedade de Pernambuco, é um dos primeiros ingleses a aproveitarem a livre comunicação entre a Inglaterra e o Brasil, observando já uma considerável mudança nas maneiras da alta classe do povo. A baixa dos preços de todos os artigos de tecidos, a facilidade de obter, a custo cômodo, louça de barro, cutelaria e linho de mesa, de fato foram efeitos que devem ter impressionado os brasileiros assim como o aparecimento de um novo povo entre eles, a esperança de melhor situação para todos, o dever o país tomar vulto, reanimando em muitas pessoas as idéias que dormiam há tempos, desejando mostrar o que possuíam. O dinheiro apareceu para atender às novas exigências."*²⁰

²⁰ KOSTER, H.: *op. cit.*, p. 60.

2. A Sociedade em movimento

A preocupação em descrever detalhadamente as cenas vivenciadas, destacar as peculiaridades "feudais" e comprovar as potencialidades da sociedade, sobretudo dos proprietários de origem nativa (os "brasileiros"), obrigaram Koster a flagrar e apontar comportamentos contraditórios. O multifacetamento das situações problematizam a imagem de reclusão e ignorância da sociedade como um todo e das mulheres em particular. A própria vivência do autor suscita nuançamentos. Introduzido inicialmente por outros comerciantes ingleses estabelecidos nas cercanias do Recife, depois por funcionários públicos e, finalmente, acompanhado por guias indígenas ou mulatos e escravos, não houve maiores dificuldades para o inglês usufruir da hospitalidade das famílias em qualquer uma das regiões por onde passou:

*"Fui recebido no Ceará hospitaleiramente. O nome inglês era uma recomendação..."*²¹

Nos dias que se seguiram à sua chegada, Koster já pode partilhar das agitadas festas de final de ano entre as famílias ricas sediadas no Recife, as quais, neste período de verão, instalavam-se em suas casas de campo nos arredores da cidade - Monteiro (onde Koster também alugou uma residência) Poço da Panela e Olinda. A descontração parece ter marcado a temporada:

"Aqui as maneiras cerimoniais da cidade são esquecidas e as substituíam um ambiente cordial de liberdade. Nossas manhãs passam indo-se à cavalo ao Recife ou a outro lugar da vizinhança, ou ainda na conversação nas residências das famílias que

²¹ *Idem, ibidem*, p. 179.

conhecíamos. À hora da sesta ou à tarde, dança-se, faz-se música, joga-se prendas, janta-se com algum comerciante inglês, cujo reduzido número abandonou igualmente a cidade e reside nas circunvizinhanças. Em várias casas portuguesas encontro mesas de jogo de baralho, ocupadas desde as nove horas da manhã. Quando uma pessoa se levanta, outra toma o lugar, e assim estão sempre repletas, exceto durante o calor do dia, quando cada um retorna em seu lar ou, o que é menos freqüente, é convidado para ficar e tomar parte na refeição familiar."

"Meu amigo e eu tivemos muitas pessoas para jantar, mas antes que a refeição terminasse, outros amigos surgiram sem a menor cerimônia entraram e se puseram à mesa. Depressa toda idéia de ordem se evaporou, substituída pela balbúrdia. Logo depois deixamos nossa casa por uma recepção além. Era a mesma confusão. Fomos convidados para um baile onde se encontrava o Governador." ²²

Porém, as festas não se restringiram ao verão; estenderam-se a outros períodos do ano, em comemorações familiares, ou mesmo a circunstâncias comuns. Dessa forma, Koster continuou a participar delas ao longo dos meses seguintes em residências cujos proprietários tinham atividades diversas - senhores de engenho,, comerciantes, profissionais liberais, funcionários públicos - e pode conhecer e relatar mais detalhes sobre a vivência das famílias ricas da região: "a convivência do cerimonial do século passado com a transbordante alegria de uma festa inglesa dos nossos dias"; "maneiras avisadas e gentis"; e o "gosto pela dança":

²² *Idem, ibidem*, pp. 45; 47.

"No dia 29 de julho... fomos à casa de uma das principais personagens de Pernambuco, funcionário público e plantador, possuindo três engenhos em partes diversas dessa região... Um grande grupo estava reunido. Era o dia do aniversário de nascimento de um dos anfitriões... Aqui fomos tratados pela manhã com o cerimonial do século passado e, à tarde, com a transbordante alegria de uma festa inglesa dos nossos dias... (De manhã) as senhoras estavam numa sala e os homens noutra. O baralho e o gamão eram as distrações usuais, mas a palestra não era desembaraçada e viva. No jantar as senhoras ficaram de um lado e os homens no canto oposto. Houve profusão de iguarias e se bebeu muito vinho. Alguns homens que gozavam da intimidade, não se sentaram à mesa, mas se puseram a servir as damas. Depois do jantar, todos os convidados passaram a um amplo salão. A sugestão de um baile foi feita e aceita. Vieram rebecas e desde as sete horas, cerca de vinte pares começaram e continuaram seu entretenimento até depois das duas horas da madrugada... Em parte alguma seria possível maior prazer. A conversação a tempo renovada, era sempre descerimoniosa e gentil. Conheci aí várias pessoas excelentemente educadas, cujas relações cultivei durante minha permanência no país...

Ofereceram-me levar até outra família brasileira (em Olinda) e, aceitei. A 07 de agosto um meu amigo veio buscar-me para acompanhá-lo a Olinda. Quem é convidado tem o direito de levar um companheiro. A família era composta por uma velha senhora, duas filhas e um filho, padre e professor no

Seminário. Muitas pessoas, do mesmo nível social estavam presentes, tendo maneiras avisadas e gentis... Dançamos ao som do piano tocado por um dos professores, com tal humor que só se deteve quando os próprios dançarinos lhe pediram para parar... Três ou quatro famílias têm o hábito de oferecer semanalmente, numa tarde, recepções onde se jogam cartas, segundo o uso de Lisboa... Compareci algumas vezes mas nada notei de peculiar nos costumes..."²³

As festas religiosas, por sua vez, foram testemunhos de atividade pública nas quais homens e mulheres, das mais variadas origens, mesclaram-se sem maiores restrições. As comemorações da Semana Santa e da Páscoa de 1810 em Olinda, embora registrem a separação entre homens e mulheres, descritas por Koster nuançam a imagem da reclusão feminina:

"...toda a cidade estava em movimento. As mulheres todas, da alta e da baixa sociedade, enchiam as ruas pelas tardes, a pé, contrariamente ao uso local. Muitas estavam vestidas de seda de várias cores e cobertas de correntes de ouro e outras bugigangas, e em geral expunham tudo que de mais fino tinham podido reunir... As mulheres ao entrar, sejam brancas ou de cor, ficam juntas a essa grade (do altar), sentando-se no chão, no grande espaço aberto no centro. Os homens, se postam de pé, em cada lado da nave, ou ficam perto da entrada, detrás das mulheres que, seja qual for sua condição

²³ *Idem, ibidem*, pp. 57-59.

*de cor, devem ser as primeiras a serem acomodadas."*²⁴

Mesmo as cenas que mais deram ensejo à exemplificação do isolamento feminino e de sua ignorância, não são unificadas, pois aparecem mescladas a episódios que registram outros comportamentos dissonantes. Por exemplo, no interior da Paraíba, Koster hospedou-se no engenho Cunhaú do cel. André de Albuquerque Maranhão, um cavaleiro de "maneiras gentis e cortês como os brasileiros de educação possuem" e, ao mesmo tempo, senhor de "um engenho feudal com seus negros e demais serviçais" e comandante de um regimento de cavalaria miliciana.²⁵ Na região de Papari conheceu a família de Nísia Floresta, o português Dionísio Pinto Lisboa "que me apresentou sua mulher".²⁶

Em S. Luís viveu uma das experiências mais controversas a propósito da condição feminina. No mesmo trecho onde narrou o retraimento das senhoras (mencionado na pg. 08) considerou também que:

*"As senhoras de S. Luís, entretanto, não são geralmente reservadas. Uma jovem senhora, em certa ocasião, indo com a mãe a uma festa, passou a um salão onde seu pai jogava com vários amigos. Esta chamou sua filha dizendo-lhe que tomasse uma carta. Obedeceu. Ficou jogando até perder trezentos mil réis..."*²⁷

²⁴ *Idem, ibidem*, p. 48.

²⁵ *Idem, ibidem*, p. 101.

²⁶ *Idem, ibidem*, p. 105. Koster teve a oportunidade de conhecer e hospedar-se na residência de uma precursora das lutas pelos direitos das mulheres no séc. XIX no Brasil, Dionísia Pinto Lisboa, ou Nísia Floresta Brasileira Augusta.

²⁷ KOSTER, H.: *Op. cit.*, pp. 244-245.

Na travessia do sertão em pleno período da seca, Koster não encontrou apenas mulheres de vaqueiros que se mantiveram afastadas da convivência com os visitantes. Presenciou circunstâncias em que mulheres livres pobres assumiram a chefia de suas famílias porque seus maridos haviam migrado para o litoral em busca de trabalho. Ainda, negociou diretamente com outras mulheres livres de pequenos proprietários, quando teve necessidade de abastecer sua caravana de carne de galinhas, porque criar e negociar galinhas era, no interior, uma atividade feminina:

"As mulheres como é natural, possuíam a direção da capoeira e, depois de muito regatear, findavam declarando que todas (as galinhas) eram favoritas, para si e seus filhos, não consentindo jamais que uma fosse morta. Esse procedimento era tão freqüente que, para o fim, quando eu mesmo ou o guia galopava para uma dessas casas procurando galinhas, ouvia o marido dizer que o negócio pertencia à esposa, continuava o caminho sem perder tempo em falar." ²⁸

3. "... não é possível julgar a sociedade por uma mesma regra"

"Chegando à casa, meu amigo e eu, comentamos os episódios do dia, inteiramente passado com uma família brasileira... A conversação era frívola mas interessante, com muita finura e graça... Pode ser observado... que não é possível julgar a sociedade por uma mesma regra. Famílias de igual posição,

²⁸ *Idem, ibidem*, p. 195.

importância e riqueza, têm maneiras inteiramente diversas. O fato é que a sociedade sofreu uma transformação rápida. Não que o povo imitasse os hábitos europeus, embora tivessem influência, mas à proporção que a prosperidade aumenta, maior luxo é exigido, quando a educação se aperfeiçoa, os divertimentos são mais polidos e altos e, alargando-se o espírito pelas leituras, muitos costumes tomam uma forma diversa. As mesmas pessoas vão mudando e já olham com ridículo e desgosto, em poucos anos, os hábitos que as haviam subjogado longamente...

*Pela tarde passava à casa do sr. Marcos, onde se reunia a grande assembleia usual. Sua companhia, a de sua mulher e filha, eram sempre agradáveis, particularmente nessas incivilizadas regiões..."*²⁹

"Não é possível julgar a sociedade (particularmente a condição feminina) por uma mesma regra". A consideração do autor no **Diário** contrasta e problematiza a teorização apresentada nos capítulos finais sobre a sociedade. Quais seriam as possíveis razões deste descompasso?

Algumas já foram arroladas nas páginas precedentes. Koster circunscreveu suas conclusões a fragmentos de cenas da vida de algumas mulheres; por outro lado, preocupado em demonstrar as potencialidades de transformação da sociedade brasileira diante do *laissez-faire* e dos Tratados firmados com a Grã-Bretanha, descreveu minuciosamente as situações vividas desvendando todo seu nuançamento, complexidade e contradições, os quais não puderam ser completamente esclarecidos pelo instrumental teórico do autor.

²⁹ *Idem, ibidem*, pp. 56; 179. A segunda parte da citação refere-se a visitas feitas à família de um comerciante no Ceará.

Esta última consideração merece maior detalhamento porque está na origem e na montagem da argumentação de Koster. Para comprovar a necessidade de abolir o tráfico e a escravidão e a eficácia da abertura da colônia portuguesa à penetração estrangeira, recorreu aos esquemas explicativos de cunho liberal que no momento ganhavam ampla divulgação: a luta entre o atraso e o progresso, ou entre o feudalismo e o liberalismo. Precisou demonstrar a existência, ao mesmo tempo, de uma sociedade feudal (embora em seu texto o feudalismo assuma um sentido específico) ou "mourisca" e as transformações que estariam encaminhando esta sociedade arcaica na direção do progresso, ou de um outro modelo de sociedade, pautada pela cordialidade informalidade, livre dos entraves à circulação de pessoas e objetos, dotada de requinte no vestir, de boas maneiras, consumista de artigos europeus (de preferência ingleses), fundada no trabalho livre e na informalidade e igualdade entre os sexos.

Na verdade, Koster argumentou a partir de situações idealizadas, que não poderiam conferir inteligibilidade ao intrincado jogo de comportamentos com o qual se defrontou. Eis porque, num dos momentos em que se deparou com esta complexidade, contrariando seus instrumentos de análise e questionando seus próprios modelos, concluiu que não seria possível julgá-la por uma única regra. Assim como não pode flagrar traços uniformemente "feudais" na sociedade brasileira, também seria difícil reconhecer na Europa em geral e na Inglaterra em particular, naquele momento, uma sociedade que espelhasse todos os traços idealizados do progresso, tanto com relação ao *laissez-faire* quanto com relação à condição feminina. Lembro aqui a atuação de alguns homens e mulheres - Olympe de Gouges, Mary Wollstonecraft, George Sand, Harriet Taylor Mill, Stuart Mill, Victor Hugo e Proudhon - que, ao longo do século XIX denunciaram e lutaram contra a desigualdade de direitos civis e políticos entre os sexos, e as discriminações que

pesavam sobre as mulheres na Europa e na América; assim como os projetos emergentes na Europa e nos Estados Unidos visando superar a difícil situação das mulheres, consideradas como "cidadãs passivas" e "párias" da sociedade, mesmo pelas Constituições mais renovadoras.³⁰ Anoto também o depoimento de europeias que visitaram o Brasil na primeira metade do século XIX.³¹

As proposições de Koster para a superação do estado de "reclusão e ignorância" das mulheres proprietárias do Brasil, particularmente a reeducação, foram inspiradas nas falas de suas compatriotas europeias, e poderiam caber tanto na Europa quanto em qualquer outro espaço colonial. E o incremento da riqueza, conforme sugeriu o próprio Koster, mais que a imitação dos costumes europeus e a imposição do trabalho livre, talvez estivesse na origem das inúmeras mudanças por ele presenciadas no início do século, na sociedade das Capitanias do norte.

A facilidade com que o autor adaptou-se à vida no Brasil - apesar da alardeada distância entre o mundo europeu e o colonial - sua relutância em retornar à Europa em 1815 e, posteriormente, sua fixação definitiva em Pernambuco, talvez

³⁰ Sobre uma crítica à condição feminina e os projetos de instituição dos direitos da mulher na Europa e nos Estados Unidos ver:

GOUGES, O.: "Déclaration des droits de la femme", **IN** *Oeuvres*. Apresentação de Benoîte Groult. Paris, 1986.

WOLLSTONECRAFT, Mary: *A vindication of rights of woman*. 1971.

MILL, Harriet Taylor e STUART, Jonh: *La igualdad de los sexos*. Guadarrama, 1973, particularmente os ensaios "La emancipación de la mujer" e "Primeiros ensayos sobre el matrimonio y el divorcio". 1851.

SAND, George: "Au membres du comité central", **IN** *La femme au 19^{ème} siècle*. Org. Nicole Priollaud. Liana Levi, 1983.

TAYLOR, Barbara: *Eve and the New Jerusalém: socialism and feminism in the nineteenth century*. Pantheon Books, 1983.

BRESCIANI, M. Stella: "O anjo da casa", **IN** *Primeira Versão*. Campinas, IFCH-UNICAMP. 1991, nº 29.

PERROT, Michelle et alii: "A mulher e o espaço público", **IN** *Revista Brasileira de História*. Org. M. Stella Bresciani. S. Paulo, ANPUH-Marco Zero, nº 18, ago.-set. 1989.

³¹ Particularmente Rose de Freycinet, Maria Graham, Mme. Langley Dufresnoy, Baronesa de Langsdorff e Ida Pfeiffer, estudadas por LEITE, Miriam Moreira: "Espaço Feminino 1800-1850", **IN** *Anais do Museu Paulista*. 30. pp. 227-240, 1981.

sejam o indício de que as mediações entre a sociedade de "costumes mouriscos" e a progressista Inglaterra fossem maiores que os pressupostos liberais poderiam admitir. É o que as contraditórias considerações feitas por Koster no encerramento do *Diário*, nos faz pensar:

*"Pouco tempo depois recebi notícias da Inglaterra que tornavam necessária minha volta ao lar. Abandonei com relutância meu desejo de residir no Brasil... Era preciso possuir uma grande resolução para deixar o povo, a terra e tudo quanto me interessava, meus negros e os homens livres, meus cavalos, meus cães e também meus gatos e galinhas, a casa e o jardim que eu improvisara e ia cultivando, e os campos que limpava e ia semeando. Tudo isso confesso, me custava muito sofrimento deixar, mas agradeço aos que desejavam que o fizesse. Tornar-me-ia bem depressa um lavrador do Brasil... Possivelmente eu, em breve tempo, não podia ser membro de outra sociedade. Sentia-me inclinado à vida que levava. Eu era jovem, era livre e tinha poder. Embora estivesse inteiramente convicto dos males que decorrem de uma sociedade em estado feudal, amava ter escravos. Poderia tornar-me tão arbitrário como apaixonado por essa existência meio selvagem. Podia ficar sentindo tanto sabor pela ociosidade, não tendo regras, como desgostando tudo o que fosse racional e lógico no mundo. Até recentemente acariciei a esperança de regressar para esse país com os meios de cruzar o continente sul americano Só Deus sabe se não seja meu destino voltar ao velho sonho..."*³²

³² KOSTER, H.: *Op. cit.*, pp. 417-418.